

Valores sob a perspectiva analítico-comportamental: da teoria à prática clínica

Values in a behavior-analytic framework: from theory to clinical practice

Valores en una perspectiva analítica-conductual: de la teoría a la práctica clínica

Daniel Afonso Assaz ✉
Joana Figueiredo Vartanian
Alan Souza Aranha
Claudia Kami Bastos Oshiro
Sonia Beatriz Meyer

Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

RESUMO

A Ciência do Comportamento pode utilizar termos do cotidiano para entender e intervir sobre o mundo desde que estes sejam operacionalizados em uma conceituação comportamental. A discussão sobre “valores” vem sendo abordada por autores da área ligados à pesquisa teórica e à prática clínica. Nesse sentido, enquanto elemento que passa a embasar a prática do analista do comportamento, faz-se relevante a sua compreensão relacionando-a ao corpo de conhecimento construído nessa abordagem. Assim, utilizando-se da literatura da Análise do Comportamento, especificamente o comportamento verbal, as contingências de reforçamento sociais e o comportamento simbólico, o objetivo do presente artigo é investigar o desenvolvimento conceitual do termo “valores” e algumas das implicações para a prática do terapeuta analítico-comportamental.

Palavras-chave: valores; terapia analítico-comportamental; comportamento verbal; operações estabelecedoras; teoria das molduras relacionais

ABSTRACT

Behavioral Science can use lay terms to understand and intervene in the world as long as these terms are operationalized in a behavioral conceptualization. The concept of “values” has been addressed by authors of the area, both by theoretical researchers and clinical practitioners. And as an element that underlies the practice of the behavior analyst, the concept’s comprehension in a behavior-analytic framework becomes relevant. Thus, based on the literature of Behavior Analysis, more specifically verbal behavior, contingencies of social reinforcement and symbolic behavior, the purpose of this article is to investigate the conceptual development of the term “values” and some of its implications for the practice of the behavior-analytic therapist.

Key-words: values; clinical behavior analysis; verbal behavior; establishing operations; relational frame theory

RESUMEN

La Ciencia Conductual tiene permiso para usar conceptos del lenguaje popular para entender y actuar sobre el mundo desde que estos sean operacionalizados en una conceptualización conductual. El concepto de “valores” ha sido el tópico de discusión de autores del área en la pesquisa teórica y la práctica de psicoterapia. Así que, como un elemento de influencia en la práctica del analista de la conducta, es necesario entenderlo fundamentado en el conocimiento producido por el área. Por tanto, utilizando la literatura de la Ciencia Conductual, más precisamente, de la conducta verbal, las contingencias de reforzamiento social y la conducta simbólica, el objetivo del artículo es investigar el desarrollo conceptual del concepto de “valores” y las implicaciones de esta conceptualización para la práctica del terapeuta analítico-conductual.

Palabras clave: valores; terapia conductual; conducta verbal; operaciones motivacionales; teoría de los marcos relacionales

INTRODUÇÃO

Não é raro que uma mesma palavra seja adotada por diferentes disciplinas científicas para se referir a conceitos distintos. “Gênero” possui significados diferentes dentro dos contextos da Sociologia, da Literatura ou da Biologia. Situação semelhante ocorre com o termo “valor”. Inicialmente empregado no estudo da Ética e da Filosofia Moral (e.g., Kant, 1797; Mill, 1863; Nietzsche, 1887/2010; Dewey, 1939) e subse-

quentemente adotado pela Economia (e.g., Smith, 1776; Ricardo, 1817; Marx, 1867), o conceito eventualmente passou a ser utilizado pela Psicologia.

A escola humanista pode ser considerada a principal responsável pela disseminação da discussão sobre valores em Psicologia, especialmente no âmbito da psicoterapia, como evidenciado pelos escritos da Logoterapia (Frankl, 1946/1992), da Terapia Centrada na Pessoa (Rogers, 1964), da Psicoterapia Existen-

cial (Yalom, 1980), da Entrevista Motivacional (Miller & Rollnick, 2002), entre outros. Nessas modalidades terapêuticas, a clarificação de valores do cliente ocupa um papel central no processo terapêutico.

Recentemente, psicólogos alinhados com a abordagem analítico-comportamental (cf. Skinner, 1953) têm discutido o papel de valores em uma ciência do comportamento. Muitos optaram por analisar e debater esse conceito no contexto do sistema ético Skinneriano, no qual o autor prescreve valores morais a serem adotados (Abib, 2001; Dittrich, 2004; Zilio & Carrara, 2009; Bogo & Laurenti, 2012), contexto.

Por sua vez, outros estudiosos trataram da questão dos valores no âmbito clínico (Páez-Blarrina, Gutiérrez-Martínez, Valdivia-Salas & Luciano-Soriano, 2006; Bonow & Follette, 2009; Plumb, Stewart, Dahl & Lundgren, 2009), contexto que será foco do presente artigo. Esse debate tem ganhado força com a ampla disseminação da Terapia de Aceitação e Compromisso (do inglês, *Acceptance and Commitment Therapy* – ACT), cujo modelo terapêutico enfatiza a necessidade da clarificação e expressão dos valores do cliente e o emprego desses no direcionamento do processo terapêutico (Hayes, Strosahl & Wilson, 2012).

Entretanto, utilizar termos que possuem uma longa história conceitual em outras disciplinas e abordagens pode ser perigoso, como apontado repetidamente por Skinner em relação às palavras mentalistas e de uso cotidiano (Skinner, 1945; 1977). Faz-se necessário uma análise do conceito de “valor” dentro de uma perspectiva da Análise do Comportamento antes que se possa discutir sua utilização e importância na atuação do terapeuta analítico-comportamental. O presente artigo se propõe a seguir esse percurso, investigando o desenvolvimento conceitual do

termo “valor” dentro da Análise do Comportamento e algumas das implicações dessas conceituações na prática clínica.

Valores na perspectiva Skinneriana

O trabalho desenvolvido por Skinner oferece um rico contraponto à explicação do comportamento de um organismo por meio de causas internas, como “mente”, “crenças”, “intenções” ou “propósitos”, prática amplamente adotada pela linguagem cotidiana e pela maioria das abordagens psicológicas. Esse modelo explicativo, denominado mentalismo, apresenta diversos problemas, como a circularidade, o dualismo e a dificuldade em prever e influenciar o comportamento (cf. Skinner, 1953; 1974/2006; 1977; Moore, 2008).

Diante das explicações mentalistas, Skinner propôs uma forma alternativa de interpretar os fenômenos psicológicos através das interações históricas entre o organismo e o ambiente: o Behaviorismo Radical (Skinner, 1953). De modo coerente com esse projeto, o ato de explicar as causas do comportamento (seja por parte do leigo, do psicólogo cognitivo ou do psicólogo comportamental) também é visto como uma instância de comportamento e, portanto, passível de ser analisada em termos de suas variáveis controladoras (Skinner, 1945; 1957).

Ao tratar do termo “valor”, Skinner (1971) descreve as instâncias em que essa palavra é empregada, buscando identificar as condições antecedentes de sua emissão. Comumente as pessoas a utilizam ao emitir um julgamento (juízo de valor) sobre os eventos que as cercam, e não ao descrever suas características tidas como “intrínsecas”. Ou seja, ao falar sobre como elas se sentem em relação ao evento e o caminho que deveria ser tomado em relação a ele. O exemplo a

seguir pode ser utilizado para ilustrar. Diante de uma árvore, uma pessoa é capaz de emitir diversas respostas verbais. “Verde”, “alta”, “Araucária”, “sem frutos” são usualmente tidos como fatos e características da árvore; já “boa”, “ruim”, “importante”, “digna de preservação”, “irrelevante” seriam considerados juízos de valor devido à presença de elementos afetivos (i.e., como a pessoa se sente) e prescritivos (i.e., o que deveria ser feito).

Do ponto de vista da Análise do Comportamento, todas as asserções acima são respostas sob o controle de estimulação antecedente não-verbal e, em função disso, seriam instâncias do operante verbal de tato (cf. Skinner, 1957). Mas, o primeiro conjunto de palavras está sob o controle discriminativo das características físicas da árvore, enquanto que o segundo grupo está sob o controle discriminativo dos efeitos que a árvore tem sob o comportamento do indivíduo (Skinner, 1971), indicando se tratar de classes de respostas distintas. No caso da árvore ser descrita como importante e digna de preservação, esses são os efeitos reforçadores dela sobre o falante, com especial ênfase para os comportamentos operantes relacionados à obtenção desse reforçador (e.g., plantar mudas, visitar parques) e a reação emocional gerada como produto (e.g., felicidade, êxtase). Expressar valores (i.e., valorar), portanto, seria um tato sob o controle discriminativo dos efeitos reforçadores positivos de um estímulo sobre o comportamento do falante. Sabemos que a expressão de valores não ocorre no vácuo, mas sim dentro de um contexto. Variáveis contextuais são capazes de alterar a função discriminativa de estímulos e da resposta subsequente (Sidman, 1994). A audiência é uma variável contextual para qualquer comportamento verbal (Skinner, 1957), incluindo a expressão de

valores, e em alguns casos ela pode exercer um controle significativo sobre o comportamento.

O contexto da expressão de valores

Diante de algumas audiências, respostas específicas à pergunta “O que você valoriza?” produzirão poderosos reforçadores sociais positivos (e.g., obter aprovação) e/ou negativos (e.g., evitar crítica ou julgamento). E não necessariamente essas respostas são congruentes com fatos puros a respeito de estímulos reforçadores para o indivíduo. Nesse caso, o controle contextual da audiência pode sobrepor-se ao controle discriminativo dos reforçadores positivos (i.e., valores), gerando fatos distorcidos. É possível que o indivíduo afirme valorizar coisas diferentes sob controle das pessoas presentes no ambiente.

Uma pessoa pode afirmar, por exemplo, valorizar a preservação do meio-ambiente diante de membros de uma ONG ambientalista, mas não dizer o mesmo quando está sozinho ou em uma entrevista de emprego para uma empresa de poluentes. Diferentes contextos, diferentes expressões de valores, ainda que o estímulo reforçador que atua como estímulo antecedente (i.e., valor pessoal) permaneça inalterado.

Além do contexto, outras variáveis antecedentes podem exercer controle sobre a expressão de valores e impedir a emissão de um tato puro. Outro grupo dessas variáveis são as motivacionais, responsáveis pela efetividade do estímulo reforçador no momento, discutidas na próxima seção.

Expressão de valores e operações estabelecidas
Inicialmente, as variáveis motivacionais foram abordadas com os termos privação, saciação (Skinner, 1953) e operações estabelecidas (Keller & Schoenfeld, 1950; Millenson, 1967). Jack Michael ofe-

receu avanços conceituais e metodológicos significativos para esse campo de estudo considerados na presente discussão (Michael, 1982; 1993).

Michael empregou o termo “operações estabelecedoras”, ou OEs, e as definiu como variáveis ambientais que: 1) alteram a efetividade reforçadora de um estímulo e 2) aumentam a frequência de comportamentos que, na história de vida do indivíduo, foram reforçados diante daquele estímulo; 3) alteram a capacidade evocativa de estímulos discriminativos relacionados ao reforçador; e 4) alteram a capacidade reforçadora de estímulos condicionados relacionados à consequência cuja efetividade foi alterada (Michael, 1993). Por definição, operações estabelecedoras referem-se a operações em que é estabelecida a efetividade de uma consequência. Isto implica que devido à presença ou ausência de uma OE, a motivação do indivíduo em se engajar em determinado comportamento é alterada. Vale ressaltar que, ao reexaminar o conceito, Michael também incluiu a possibilidade de OEs alterarem a efetividade punitiva de um estímulo (Michel, 1993).

Ao introduzir o conceito de operações estabelecedoras à discussão sobre valores, como propõe Leigland (2005), salienta-se que a expressão de valores não pode ser considerada um tato puro. A efetividade do estímulo reforçador tateado depende das operações estabelecedoras vigentes, de modo que a resposta verbal do indivíduo também está parcialmente sobre o controle dessas. Assim, o que uma pessoa afirma valorizar pode depender de variáveis motivacionais presentes durante a emissão da verbalização.

Uma pessoa pode afirmar valorizar algo, porém dizer algo diferente após o término da operação estabelecidora. Por exemplo, após um comercial do Greenpeace, o indivíduo pode expressar valorizar a preser-

vação do meio ambiente; porém, mais tarde no dia, quando os efeitos da propaganda no comportamento forem reduzidos, a mesma pessoa pode afirmar que não se importa tanto assim com a causa.

Ademais, a estimulação aversiva é comumente uma poderosa operação motivacional, que estabelece sua própria retirada como reforçadora (Michael, 1982). Considerando que o valor reforçador de um estímulo é sempre relativo ao valor de outros estímulos no ambiente e nunca absoluto (cf. Herrnstein, 1970; Baum, 2002), diante de tal estimulação de grande intensidade, outros reforçadores têm seu valor relativo diminuído. Assim, verbalizações a respeito de valores podem estar sob forte controle de contingências aversivas, que obscurecem outras fontes de reforçamento. Com base na perspectiva Skinneriana sobre liberdade como ausência de controle aversivo (Skinner, 1971), sob essas condições a expressão de valores não é livre. Uma pessoa que está experienciando dor intensa provavelmente afirmará valorizar sua saúde corporal e bem-estar; valores como “preservação do meio-ambiente” ou “reconhecimento profissional” dificilmente aparecerão nesse momento; elas serão mais prováveis quando a dor passar.

Até o presente ponto de discussão, o expressar valores foi definido como um comportamento verbal que está sujeito a diversas variáveis antecedentes (discriminativas, motivacionais e contextuais). Esse panorama se torna mais complexo com a existência de relações simbólicas entre estímulos, discutidas na seção seguinte.

Expressão de valores e relações simbólicas

Para que a discussão sobre a expressão de valores e relações simbólicas seja fundamentada teoricamente, faz-se necessário um breve parêntesis sobre a Teoria

das Molduras Relacionais (Hayes, Barnes-Holmes & Roche, 2001; Dymond & Roche, 2013).

Conhecida como RFT (do inglês, *Relational Frame Theory*), essa teoria enfatiza a importância do repertório de responder relacional arbitrariamente aplicável no comportamento humano. Em outras palavras, a RFT enfatiza a capacidade humana de aprender a responder a um estímulo em função de suas relações simbólicas (i.e., não baseadas em propriedades físicas) com outros estímulos. Essas respostas relacionais são controladas por dois tipos de variáveis contextuais (i.e., contexto relacional e contexto funcional), abstraídas durante a ontogenia do indivíduo.

O contexto relacional indica o tipo de relação existente entre os estímulos, como de coordenação (e.g., *igual*), oposição (e.g., *oposto*), distinção (e.g., *diferente*), comparação (e.g., *maior/menor*), hierarquia (e.g., *pertence*), causalidade (e.g., *se/então*), temporalidade (e.g., *antes/depois*), espacialidade (e.g., *longe/perto*). A formação de algumas relações permite a emergência de outras, que não foram diretamente treinadas. A derivação de novas relações é descrita pelas propriedades da implicação mútua (se A está relacionado a B, então B está relacionado a A) e im-

plicação combinatória (se A está relacionado com B, e B está relacionado com C, então A está relacionado com C). Já o contexto funcional indica a função de estímulo no qual a relação está baseada (e.g., perigo, dificuldade, probabilidade de ocorrência, beleza). Juntos, ambos os contextos permitem que a função de um estímulo seja transformada devido à sua relação com outros, diretos ou derivados (Hayes, Barnes-Holmes & Roche, 2001).

A título de exposição, imagine uma pessoa que valorize a preservação do meio ambiente. Como um estímulo, esse valor expresso pode ser relacionado simbolicamente a diversos outros, como por exemplo: “a preservação do meio ambiente é o oposto de danos ao meio ambiente”, “a emissão de gás carbônico causa danos ao meio ambiente”, “o desmatamento é mais prejudicial ao meio ambiente do que a emissão de gás carbônico” e “a reciclagem ajuda a preservar o meio ambiente”. Nesse caso temos a formação de uma rede relacional de estímulos através de diversos contextos relacionais (oposição, inclusão, comparação e causalidade), na qual a função reforçadora de *preservação do meio ambiente*, adquirida previamente, transformará a função dos outros estímulos (Figura 1). Assim, algumas atitudes do indivi-

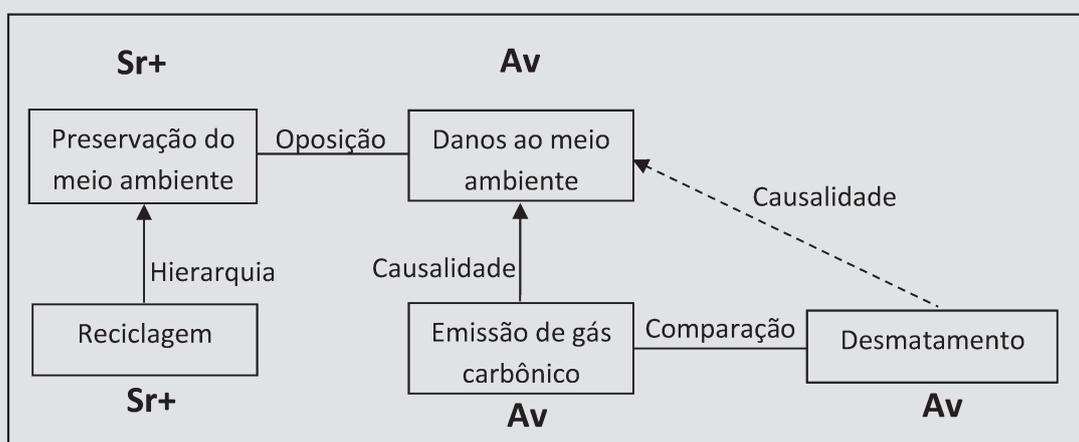


Figura 1. Exemplo de relações simbólicas entre estímulos.

duo adquirem função reforçadora e tornam-se mais prováveis por estarem de acordo com os seus valores (relações de coordenação e inclusão), enquanto outras adquirem função aversiva e tornam-se menos prováveis por estarem em oposição aos seus valores (relação de oposição).

Implicações clínicas

As seções anteriores apontam para uma clara expansão conceitual do comportamento de expressar valores na qual diversas variáveis foram gradualmente incluídas de modo a gerar uma análise mais complexa e compreensiva do fenômeno em questão. Como a atuação do psicólogo clínico é, em grande parte, determinada pelo seu referencial teórico, cada mudança nessa conceituação também altera a forma do terapeuta entender o papel dos valores do cliente no processo terapêutico e, conseqüentemente, sua prática em sessão.

O terapeuta pode entender o comportamento de expressar valores simplesmente como uma instância de tato sobre o controle de estímulos reforçadores. Nesse caso, perguntas do terapeuta como “o que é importante para você?”, “o que você quer que sua vida signifique?” e “o que você valoriza?” são estímulos discriminativos para o comportamento de auto-observação do cliente, especificamente sobre os efeitos reforçadores de estímulos sobre seu próprio comportamento. Com o auxílio de estimulação suplementar do terapeuta (cf. Skinner, 1957), o cliente pode vir a discriminar importantes reforçadores e, com eles, fontes de reforçamento no ambiente. Considerando a importância dada na Clínica Analítico-Comportamental ao engajamento em atividades que produzam reforçadores positivos poderosos (cf. Jacobson, Martell & Dimidjian, 2001; Kanter, Manos, Bowe, Baruch, Busch & Rusch, 2010), a expressão

de valores por parte do cliente é de extrema importância para o desenvolvimento da terapia, uma vez que o autoconhecimento gerado pelo processo coloca o cliente em melhor posição para se comportar de modo a obter os reforçadores positivos (Bonow & Follette, 2009).

Como exemplo, imagine um cliente que afirma valorizar o desenvolvimento de seu filho. Com base nesse tato, podemos presumir que o filho é uma grande fonte de reforçamento para o cliente e que sinais de desenvolvimento do filho em diferentes esferas (e.g., bom desempenho acadêmico, escolhas autônomas, interações prazerosas com amigos) são poderosas conseqüências reforçadoras. Em função disso, terapeuta e cliente podem trabalhar de forma colaborativa para desenvolver e favorecer repertórios que tenham maior probabilidade de produzir essas conseqüências, como ajudar na lição de casa ou levar o filho à festa de um amigo.

A introdução de variáveis motivacionais e contextuais na compreensão da expressão de valores torna a análise funcional mais complexa e direciona a atenção do terapeuta para eventos que afetam a expressão de valores, minimizando o controle antecedente dos efeitos reforçadores do estímulo na resposta verbal e levando a tatos distorcidos. Caso isso ocorra, o terapeuta pode direcionar a terapia para um caminho, favorecendo comportamentos cujas conseqüências não são, de fato, estímulos reforçadores positivos para o cliente.

De um lado, ao considerar o contexto da expressão de valores, a figura do terapeuta é incluída na análise como uma audiência para o comportamento verbal do cliente. Um ambiente acolhedor, marcado predominantemente pela escuta, entendimento e ajuda

permite ao cliente discriminar o contexto terapêutico de outras interações sociais de caráter punitivo. Ao fazê-lo, a influência da aprovação do terapeuta sobre a expressão de valores é minimizada, permitindo que os reforçadores pessoais do cliente de fato estejam controlando essa resposta verbal. Assim, a probabilidade do cliente expressar ao terapeuta que valoriza o desenvolvimento do filho somente porque essa é uma resposta socialmente aceita é reduzida.

Do outro lado, variáveis motivacionais estabelecem consequências efetivas no momento, mas que possivelmente não se manterão em longo prazo quando a operação estabelecida terminar. Quando alguém afirma que valoriza o desenvolvimento do filho, algumas variáveis motivacionais podem estar controlando essa resposta verbal, como a cobrança insistente do parceiro para ser um pai melhor. Nesse caso, a expressão de valor está mais sob o controle da estimulação aversiva proveniente do parceiro do que das propriedades reforçadoras do desenvolvimento do filho. E se engajar em comportamentos nessa direção não trará satisfação ao cliente, apenas alívio e afastamento de fontes de reforçamento positivo.

Ademais, a discussão sobre operações estabelecidas indica que a evocação da expressão de valores deve dar preferência a estímulos reforçadores cuja função é proveniente de sua relação com diversos outros reforçadores. Afinal, eles são mais insensíveis a flutuações motivacionais e tem maior probabilidade de garantir satisfação plena ao indivíduo em longo prazo.

Por fim, entender a verbalização sobre valores como um estímulo que integra redes relacionais com outros estímulos permite entender a clarificação de va-

lores como um mecanismo de mudança em si, e não somente um primeiro passo para futuras mudanças comportamentais. Afinal, ao relacionar os valores do cliente com seus comportamentos cotidianos, importantes funções de estímulos podem ser modificadas, transformando a função dessas atitudes (Villatte, Villatte & Hayes, 2016). As relações simbólicas permitem que o próprio engajamento em atitudes congruentes com valores pessoais seja reforçador por meio da transformação de função, processo demonstrado com estímulos arbitrários em condições experimentais (Whelan & Barnes-Holmes, 2004; Whelan, Barnes-Holmes & Dymond, 2006). Páez-Blarrina, Luciano, Gutiérrez-Martínez, Valdivia, Ortega e Rodríguez-Valverde (2008), buscaram reproduzir esse processo por um procedimento breve de valores, e obtiveram redução de esquiva em uma situação cuja permanência acarretava em estímulos reforçadores (pontos trocados ao final do experimento) e aversivos (choques).

Retomando o exemplo do cliente que valoriza o desenvolvimento de seu filho, podemos identificar inúmeros comportamentos que podem estar de acordo ou não com esse valor. De um lado, ajudar na lição de casa, participar das reuniões de pais na escola, brincar do jogo preferido do filho, impor limites e demonstrar carinho são atitudes congruentes com a primeira categoria. Do outro lado, bater no filho, impedir que ele saia com os amigos e ignorar suas conquistas estão mais próximas da segunda categoria. Ao estabelecer essas relações verbais entre atitudes do cotidiano e valores pessoais, é possível que algumas das funções desses estímulos mudem, alterando assim o comportamento futuro do cliente. Participar das reuniões escolares ainda será uma atividade cansativa, mas agora a introdução de uma função apetitiva devido à conexão com

o valor expresso possivelmente reduzirá a aversividade da tarefa, tornando-a mais provável e eliciando sentimentos positivos, relacionados à alegria ou completude. Já bater na criança, apesar de terminar imediatamente o comportamento irritante do filho, será menos reforçador ou até aversivo por estar em oposição ao valor expresso.

Conclusão

A atuação do terapeuta em sessão é dependente do corpo de conhecimento teórico que embasa sua prática clínica. Ao entender o comportamento de expressar valores como uma resposta verbal sob o controle antecedente de estímulos reforçadores e variáveis motivacionais e contextuais, o terapeuta analítico-comportamental pode evocar essas verbalizações do cliente como uma forma de identificar importantes fontes de reforçadores positivos, direcionando sua prática para o desenvolvimento e favorecimento de repertórios que produzam essas consequências. Ao expandir a conceituação de descrever valores, considerando que tais verbalizações integram redes relacionais de estímulos, a clarificação desses valores em sessão e a conexão entre eles e comportamentos do cliente pode ser utilizada como um mecanismo de mudança clínica capaz de mudar verbalmente a função de estímulos relevantes no ambiente do cliente e, conseqüentemente, seu comportamento.

REFERÊNCIAS

- Abib, J. A. D. (2001). Teoria moral de Skinner e desenvolvimento humano. *Psicologia: reflexão e crítica*, 14(1), 107-117.
- Baum, W. M. (2002). From molecular to molar: A paradigm shift in behavior analysis. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 78(1), 95-116.
- Bogo, C., & Laurenti, C. (2012). Análise do Comportamento e sociedade: Implicações para uma ciência dos valores. *Psicologia: ciência e profissão*, 32(4), 956-971.
- Bonow, J. T., & Follette, W. C. (2009). Beyond values clarification: addressing client values in Clinical Behavior Analysis. *The Behavior Analyst*, 32(1), 69-84.
- Dewey, J. (1939). *Theory of valuation*. Recuperado de <https://archive.org/details/theoryofvaluatio032168mbp>
- Dittrich, A. (2004). *Behaviorismo radical, ética e política: aspectos teóricos do compromisso social* (Tese de doutorado). Universidade Federal de São Carlos, Brasil.
- Dymond, S., & Roche, B. (Eds.) (2013). *Advances in Relational Frame Theory: research and application*. Oakland: Context Press.
- Frankl, V. E. (1992). *Man's search for meaning: an introduction to Logotherapy*. Boston: Beacon Press (Trabalho original publicado em 1946).
- Hayes, S. C., Strosahl, K. D., & Wilson, K. G. (2012). *Acceptance and commitment therapy: the process and practice of mindful change* (2nd edition). New York: Guilford Press.
- Hayes, S. C., Barnes-Holmes, D., & Roche, B. (Eds.). (2001). *Relational Frame Theory: a post-Skinnerian account of language and cognition*. New York: Kluwer Academic Publishers.
- Herrnstein, R. J. (1970). On the law of effect. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 13(2), 243-266.
- Jacobson, N. S., Martell, C. R., & Dimidjian, S. (2001). Behavioral Activation treatment for depression: returning to contextual roots. *Clinical Psychology: science and practice*, 8(3), 255-270.
- Kant, I. (1797). *The metaphysics of morals*. Recuperado de <http://ebooks.cambridge.org/chapter.jsf?bid=CBO9780511813306&cid=CBO9780511813306A019>

- Kanter, J. W., Manos, R. C., Bowe, W. M., Baruch, D. E., Busch, A. M., & Rusch, L. C. (2010). What is behavioral activation?: A review of the empirical literature. *Clinical Psychology Review, 30*(6), 608-620.
- Keller, F. S. & Schoenfeld, W. N. (1950). *Principles of psychology: a systematic text in the science of behavior*. New York: Appleton-Century-Crofts.
- Leigland, S. (2005). Variables of which values are a function. *The Behavior Analyst, 28*(2), 133-142.
- Marx, K. (1867). *O capital*. Recuperado de <https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/ocapital-v1/>
- Michael, J. (1982). Distinguishing between discriminative and motivational functions of stimuli. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior, 37*, 149-155.
- Michael, J. (1993) Establishing operations. *The Behavior Analyst, 16*, 191-206.
- Mill, J. S. (1863). *Utilitarianism*. Recuperado de <http://www.utilitarianism.com/mill1.htm>
- Millenson, J. R., (1967). *Princípios de Análise do Comportamento*. (trads. A. A. Souza e D. Rezende). Brasília: Coordenada.
- Miller, W. R., & Rollnick, S. (2002). *Motivational interviewing: preparing people for change* (2nd edition). New York: Guilford.
- Moore, J. (2008). *Conceptual foundations of Radical Behaviorism*. Cornwall-on-Hudson: Sloan Publishing.
- Nietzsche, F. (2010). *On the genealogy of morals and ecce homo*. New York: Vintage (Trabalho original publicado em 1887).
- Páez-Blarrina, M., Gutiérrez-Martínez, O., Valdivia-Salas, S., & Luciano-Soriano, C. (2006). Terapia de Aceptación y Compromiso (ACT) y la importancia de los valores personales en el contexto de la terapia psicológica. *International Journal of Psychology and Psychological Therapy, 6*(1), 1-20.
- Páez-Blarrina, M., Luciano, C., Gutiérrez-Martínez, O., Valdivia, S., Ortega, J., & Rodríguez-Valverde, M. (2008). The role of values with personal examples in altering the functions of pain: Comparison between acceptance-based and cognitive-control-based protocols. *Behaviour Research and Therapy, 46*(1), 84-97.
- Plumb, J. C., Stewart, I., Dahl, J., & Lundgren, T. (2009). In search of meaning: Values in modern clinical behavior analysis. *The Behavior Analyst, 32*(1), 85-103.
- Ricardo, D. (1817). *On the principles of political economy and taxation*. Recuperado de <http://www.econlib.org/library/Ricardo/ricP.html>
- Rogers, C. R. (1964). Toward a modern approach to values: The valuing process in the mature person. *The Journal of Abnormal and Social Psychology, 68*(2), 160-167.
- Sidman, M. (1994). *Equivalence relations and behavior: a research history*. Boston: Authors Cooperative Inc., Publishers.
- Skinner, B. F. (1945). The operational analysis of psychological terms. *Psychological review, 52*(5), 270-277.
- Skinner, B. F. (1953). *Science and Human Behavior*. New York: Macmillan.
- Skinner, B. F. (1957). *Verbal behavior*. New York: Appleton-Century-Crofts, Inc.
- Skinner, B. F. (1971). *Beyond freedom and dignity*. New York: Alfred A. Knopf.
- Skinner, B. F. (1977). Why I am not a cognitive psychologist. *Behaviorism, 5*(2), 1-10.
- Skinner, B. F. (2006). *Sobre o behaviorismo*. São Paulo: Cultrix (Trabalho original publicado em 1974).

- Smith, A. (1776). *An inquiry into the nature and causes of the wealth of nations*. Recuperado de <http://www.econlib.org/library/Smith/smWN.html>
- Villatte, M., Villatte, J. L., & Hayes, S. C. (2016). *Mastering the clinical conversation: language as intervention*. New York: Guilford Press.
- Whelan, R., & Barnes-Holmes, D. (2004). The transformation of consequential functions in accordance with the relational frames of same and opposite. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, *82*(2), 177-195.
- Whelan, R., Barnes-Holmes, D., & Dymond, S. (2006). The transformation of consequential functions in accordance with the relational frames of more-than and less-than. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, *86*(3), 317-335.
- Yalom, I. D. (1980). *Existential psychotherapy*. New York: Basic Books.
- Zilio, D., & Carrara, K. (2009). B.F. Skinner: teórico da ciência e teórico da moral? *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, *61*(2).

Recebido em 22 de março de 2016
Revisado em 25 de abril de 2016
Aceito em 5 de maio de 2016